

O ESTUDO DE UN CONCELHO PONTEVEDRÊS: A IMIGRAÇÃO DE COTOBADE AO BRASIL

Érica Sarmiento da Silva

Introdução

Considerada uma zona de forte emigração desde a época moderna, Cotobade é um município da província de Pontevedra que sempre buscou atividades complementares à agricultura fora da Galiza. Os ofícios relacionados à construção (canteria, carpintaria) acompanharam os varões a terras distantes, empreendendo largas caminhadas pelo interior de Castela e de Portugal e, posteriormente, à América. Os estudos de história moderna, através da análise de fontes paroquiais, protocolos notariais e livros de recenseamento, contribuíram para conhecer alguns dos aspectos demográficos e comportamentais dos vizinhos do município de Cotobade e também dos concelhos galegos mais próximos, como Forcarei, Fornelos de Montes, Pontecaldelas ou A Lama. Conhecer as antigas rotas de emigração, antes de cruzar o Atlântico, é um dos objetivos que buscamos nesse estudo, porque nos oferece uma maior compreensão da escolha do destino e da ocupação sócio-profissional no Brasil. Dessa forma, podemos encontrar possíveis respostas à pergunta: porque escolheram o Brasil? Acompanhando a evolução dos vizinhos de Cotobade, objetivamos conseguir uma análise mais detalhada do fenômeno emigratório nessa localidade galega e construir uma tipologia a nível microssocial, baseada em fontes municipais e também orais.

1. Para onde iam os canteiros antes de emigrar ao Brasil? Uma “excursão” pelas terras portuguesas

A especialização no trabalho da pedra na zona geográfica que compreende as antigas jurisdições de Peñaflor, Terra de Montes, Caldevergazo, Cotobade, Campo e Fragas começou no século XVII, supostamente devido às febres arquitetônicas das construções religiosas barrocas e da consolidação da fidalguia que oferecia importantes desembolsos para financiar obras de igrejas, paços, etc. No século XVIII, a canteria vai

ser o ofício fundamental de apoio agrícola e, mais concretamente no município de Cotobade, 52% dos grupos domésticos tinha pelo menos um membro dedicado a esse ofício. Mais de dois terços dos vizinhos com uma atividade secundária ou terciária exerciam a canteria, ainda que com qualificações profissionais diversas¹ (aprendiz, oficial, maestro). Assim, como sucedeu com outros municípios galegos, os vizinhos de Cotobade e de outras paróquias do norte ocidental pontevedrés buscavam nas atividades complementares à agricultura um apoio econômico para a pequena propriedade camponesa.

Nos alistamentos militares do concelho de Cotobade, observamos que a partir de 1850 começa a aparecer timidamente, de forma aleatória, a ocupação profissional dos desertores. Apesar de serem poucas as profissões registradas (somente 46 da lista de 300 prófugos a Portugal entre os anos de 1831 a 1900), podemos confirmar a presença majoritária de canteiros nas localidades portuguesas, um total de 39 comparados com somente um cozinheiro, um ferreiro e um trabalhador do comércio. No século XX, quando os galegos dirigem-se a outros destinos, o comércio começa a predominar sobre os ofícios da construção, e, ao mesmo tempo, as cidades como Braga e Chaves são substituídas por Salvador da Bahia e Rio de Janeiro.

A adaptação e a mobilidade profissional dos emigrantes galegos fazem parte da sua história. Uma vez que deixam seu país, se dedicam a atividades totalmente distintas das que exerciam na terra natal. Apesar de uma parte da emigração galega a Rio de Janeiro se dedicar ao setor secundário, trabalhando como canteiros, pedreiros, carpinteiros, o setor do comércio foi o que recebeu mais emigrantes. O exemplo mais clássico é o daqueles emigrantes que abandonam as atividades do campo para se dedicarem às profissões do setor terciário. De uma forma geral, no que se refere à emigração galega para a América, a chamada contratação pessoal em cadeia, como o *sobrinismo* em Cuba, os patrícios no Brasil, provocava uma dependência emocional e profissional em um contexto familiar que podia gerar facilidades de aprendizagem dos jovens imigrantes recém-chegados e a possibilidade de ascensão sócio-econômica nos comércios. Ao emigrar de maneira espontânea, sem depender de uma emigração assistida, muitos galegos se estabeleceram profissionalmente em setores onde estavam anteriormente patrícios e/ou familiares; onde já havia uma tradição migratória em determinados setores profissionais. Segundo Alejandro Vázquez o efeito acumulativo das cadeias migratórias:

“como canalizadoras de demandas laborales, la emigración gallega gozó de las ventajas derivadas de un proceso emigratorio temprano, con un crecimiento decimonónico muy gradual. Esto permitió a una creciente proporción de emigrantes ser contratados o llamados para desempeñar actividades laborales en los lugares donde sus precursores

¹ CORTIZO, 1994: 427-429.

se habían instalado y generado una cierta capacidad empleadora, mientras otros tuvieron que conformarse con contractos impersonales que ofertaban las expansivas actividades agrarias a través de agentes reclutadores”².

Ao dispor de formas de auto-financiamento da experiência migratória, como podiam ser as economias geradas no seio da própria exploração agrícola ou artesanal, da venda de alguma parcela de terra da divisão da herança familiar, ou mesmo através dos próprios patrícios que podiam adiantar a compra do bilhete, muitos emigrantes galegos se deslocaram para as cidades ao invés de encarar os contratos massivos de colonos, cujas passagens eram pagas pelos Estados, como foi o caso das plantações cafeeiras do Estado de São Paulo. Quando Alejandro Vázquez analisa os tipos de financiamento da emigração galega à América, o autor explica que os contratos massivos não foram o principal mecanismo financeiro utilizado pelos galegos, porque eles se dirigiram claramente para os setores urbanos³.

A emigração, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que era uma válvula de escape para o serviço militar e uma ajuda econômica para as famílias, também podia se transformar em um elemento prejudicial para a economia doméstica. A situação podia mudar a partir do momento que aqueles filhos varões que decidiram emigrar desaparecessem, deixando as famílias sem remessas e sem ajuda para cultivar as lavouras. A economia doméstica dependia de todos e a emigração intrapeninsular, apesar de ausentar os homens durante meses, era temporal⁴. Os emigrantes partiam do concelho, em grupos de vizinhos e familiares, homens casados e solteiros, pais e filhos, que tinham a intenção de regressar para a casa familiar, junto a suas esposas e mães. As mulheres e as filhas cuidavam da agricultura, mas os homens contribuíam com o dinheiro ganho nos meses de ausência. A realidade do campo galego demonstrava que havia muitas famílias com mais de um varão ausente. O destino desses jovens era, na maior parte das vezes, ignorado pelas suas famílias. Essa perda, além do lado afetivo, significava para os agricultores também um desfalque na economia doméstica, que dependia da participação de todos. Quem iria cuidar das terras? Quem iria cuidar dos pais quando estivessem em idade avançada e não pudessem mais se sustentar?

² VÁZQUEZ, 1999: 675.

³ VÁZQUEZ, 1999: 672.

⁴ Como por exemplo, a emigração dos canteiros da Terra de Montes, que era de tipo estacional. Era uma migração onde predominava uma forte solidariedade familiar e de vizinhança. Emigravam em grupo, as chamadas quadrilhas e a profissão era passada tradicionalmente dos mais velhos aos mais jovens. Esse tipo de migração, majoritariamente masculina, aumentava a possibilidade alimentícia do grupo familiar mediante a ausência temporal de alguns dos seus membros, ademais de aportar dinheiro metálico, escasso em uma economia de subsistência (CORTIZO, 1990: 170, 175). Ou o caso da emigração estacional agrícola dos camponeses que partiam durante os meses de Verão para trabalharem principalmente nas segas castelhanas (EIRAS ROEL, 1994: 39).

Nos livros de recenseamento militar, recolhemos petições de familiares, principalmente de lavradores pobres, com idade avançada, que recorriam às autoridades para que estas não recrutassem os seus filhos varões para o serviço militar. Foi o caso de Manuel Malbar, da paróquia de Augasantas, que encontramos no livro de Quintas do ano de 1870. Diante da presença de três testemunhas, Malbar explica que necessita do auxílio do seu filho Jesús (convocado para o serviço militar), porque é o único que o ajuda economicamente com o seu trabalho de canteiro. A família vive das plantações de milho e de algumas cabeças de gado, mas é o filho Jesús que complementa a renda, trazendo dinheiro para casa cada vez que vai trabalhar na construção. Manuel Malbar tem vários filhos, mas não pode contar com nenhum deles porque, segundo confirma uma das testemunhas:

“Manuel Malbar tiene 2 hijos casados, uno muy cerca de su casa, llamado José, con una familia y que en su concepto es pobre y no puede socorrer al padre y el otro en Portugal llamado Antonio, ignorado se tiene alguna familia, pero por voz pública sabe que tampoco puede socorrerlo por falta de recursos, y que este pasa de diez años no vino al hogar doméstico; también sabe tiene otro hijo llamado Ignacio, pero que hay de once a doce años seguidos que este no hubo noticia alguna; igualmente que tiene otro, llamado Severino, el cual pasó al ejército en suerte propia por Quinta que no puede fijar pero que habrá como tres años⁵”.

Dos cinco filhos varões somente dois se encontravam em Cotobade e, certamente, o que ganha a vida como canteiro passará temporadas também fora de casa, regressando ao concluir o trabalho. O filho mais novo, Jesús, continua na casa familiar até que o chamam para cumprir os deveres militares. Os outros filhos mais velhos, com a exceção do casado em Cotobade, saíram de casa supostamente antes de cumprir a idade militar. Sem recursos e sem filhos para ajudar na manutenção da casa, o chefe de família vê-se obrigado a contar toda a sua história familiar e pedir às autoridades municipais que não levem o único filho que permaneceu ao seu lado. Os dois filhos emigrantes nunca mais regressaram à casa e um deles estava em paradeiro desconhecido, podendo estar em Portugal ou haver embarcado para algum país americano.

No caso dessa família, a emigração dos filhos varões, que, supostamente, foi consequência da situação econômica e da fuga do serviço militar, deixou um vazio na economia familiar e uma sobrecarga para o filho canteiro, que passou a ser o único responsável pela situação financeira e o apoio moral dos pais. Aqueles que não possuíam meios econômicos para pagar a indenização exigida pelas autoridades para se livrar do serviço militar não tinham outras vias de escape que não fosse a emigração. Quem garante que o filho desse lavrador, Jesús Malbar, não decidiu emigrar, tal

⁵ AMC – Livro de Quintas 1870, registro 540/1. O grifo é da autora.

como seus irmãos, uma vez concedida a licença do alistamento militar? Ou que os pais omitissem os lugares de destino dos filhos e as ajudas econômicas que pudessem receber para se verem livres de impostos ou para impedir que seus filhos mais novos fossem levados para África ou para servir em qualquer outro lugar? De todas as formas, era mais garantido emigrar antes de cumprir a idade militar, porque era difícil que as autoridades abrissem mão dos “braços” camponeses como a única solução para servir à pátria.

Dentro dos próprios municípios, num espaço geográfico pequeno, circunscrito às paróquias, existem diferenças significativas nos destinos migratórios. Camilo Fernández Cortizo analisa esse comportamento diferencial na jurisdição de Cotobade. Segundo palavras do autor:

“Este comportamiento diferencial entre comarcas contiguas se reproduce internamente en la jurisdicción de Cotobad, em cuyo territorio se marca una línea divisoria entre parroquias com predilección por los destinos portugueses y feligresías com preferència por el interior castellano y Galicia. Las muertes de fallecidos “fuera” en las parroquias del norte (Viascón, Sacos y Caroi) se localizan, de acuerdo con la anterior distinción, preferentemente en Galicia – en el Obispado de Ourense en la primera mitad del XVIII y en la ría de Ferrol en la segunda –, pero también en el reino de León y Castilla. [...] La zona sur de Cotobad (Tenorio, Borela), en contra del comportamiento del sector norte, muestra ya una marcada preferencia por Portugal (Chaves, Braga y, en menor medida, Melgaço) y, dentro de Galicia, por la contigua provincia de Tui”⁶.

No século XVIII, os destinos escolhidos pelos habitantes de Cotobade se dividem entre o interior norte de Portugal, a província de Ourense e as regiões de León, Zamora e Salamanca⁷. Os trabalhadores da construção, como os canteiros e carpinteiros, buscavam as cidades do interior português onde lhe ofereciam melhores possibilidades e os que não tinham um ofício especializado iam para Lisboa ou Porto para trabalhar no setor terciário ou em outras atividades como a de carregadores, moços de recado ou nos serviços domésticos. Mais uma vez temos Portugal como um destino que antecede o da emigração para o Brasil no final do século XIX.

⁶ CORTIZO, 1994: 431.

⁷ LOPO, 2000: 274.

Analisando os livros de alistamento militar do século XIX, encontramos uma emigração claramente orientada a Portugal e que se rompe quase que de forma definitiva quando se inicia o século XX⁸. Há uma linha imaginária que vai dividindo o destino ao longo do século XIX, quando as expectativas do sonho americano se transformam no destino preferencial. Pode-se dizer que a decisão de partir para a América foi tardia, porque até finais do século XIX, encontramos poucos emigrantes de Cotobade no Rio de Janeiro, comparados com outros municípios, como Santa Comba, que já desde a década de 1870 tinha uma cadeia emigratória estabelecida no Rio de Janeiro. Portugal continuou sendo um destino preferencial e, curiosamente, enquanto os lusos emigravam em massa para o Brasil, os galegos buscavam oportunidades no país vizinho. Era uma forma de emigrar mais econômica, onde as possibilidades de retorno eram mais seguras. Como afirmou Jorge Fernandes Alves sobre a temática:

“A imigração galega para o Porto (e para Portugal, em geral) resistiu, assim, bastante tempo à alternativa transoceânica, só se desvanecendo nos finais do século, quando passou a constituir um fio residual. Evidencia, deste modo, uma permanência de fluxos típica das migrações tradicionais, as quais teimam em manter activas as suas redes de influência, mesmo em face do aparecimento de novas oportunidades migratórias”⁹.

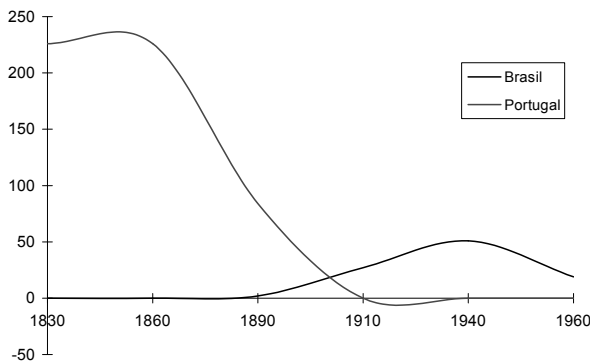
Entretanto, devemos contar com outra informação importante que nos oferecem as listas de desertores: os paradeiros desconhecidos. No livro de recenseamento militar do ano de 1840, por exemplo, os ausentes com destino ignorado representam 62% do total de moços chamados para o serviço militar. Sem dúvida, uma porcentagem altíssima que deixa um espaço vazio que somente podemos preencher formulando uma série de hipóteses. Onde estariam? Uma parte podia estar em Portugal, outra, em concelhos galegos ou castelhanos, mas não podemos descartar que uma parcela desses emigrantes podia estar perfeitamente em países americanos. Por isso, temos que deixar aberta a possibilidade de que haveria uma emigração, ainda que não de forma massiva, para o Brasil, desde a primeira metade do século XIX.

⁸ Realizamos uma pequena amostra com os livros de recenseamento militar do Arquivo Municipal do concelho de Cotobade para descobrir os destinos dos vizinhos antes da emigração à América. Para isso, recolhemos, além dos livros do século XX, os prófugos dos anos de 1831, 1840, 1850, 1860, 1870, 1878, 1879, 1890. A intenção era analisar um período temporal de 10 anos, mas infelizmente havia documentos que não estavam completos. O resultado foi que, entre 1831 e 1960, dos 413 prófugos anotados, 300 estavam em Portugal. Os anos que encontramos emigrantes em terras portuguesas foram entre 1831 e 1890. As cifras são as seguintes: no ano de 1831, 158 emigrantes; em 1840, 15 emigrantes; em 1850, 54; em 1860, 28; em 1870, 1; em 1878, 38; em 1879, 17; em 1890, 4. Notemos que ao longo do século XIX o número de prófugos ausentes em Portugal vai diminuindo consideravelmente até não encontrarmos nenhum no século XX. A partir de 1901, a emigração dá um claro “salto” às cidades brasileiras como Salvador da Bahia, Rio de Janeiro e Santos, além da emigração à Argentina, Uruguai e, em menor, medida Cuba.

⁹ ALVES, 1994: 97.

É perfeitamente aceitável a idéia de que os jovens iam para Portugal e de ali partiam para o Brasil sem deixar rastros nem qualquer tipo de comunicação com a família, até passarem muitos anos. O emigrante José Gómez, no ano de 1831, foi chamado para o alistamento militar, mas já estava longe da sua paróquia, Viascón, desde pelo menos 4 anos. O pai foi justificar a ausência do filho, explicando que “pasó al Oporto y de allí al Brasil hay cuatro años sin saber de su actual paradero y además acredita su padre con una carta con sello del correo de Rio de Janeiro”¹⁰. Temos aqui um caso de emigração para o Rio de Janeiro muito recente, passando pelos portos portugueses. O único problema, como já foi dito anteriormente, é que nem sempre os familiares sabiam ou queriam dizer o lugar exato de emigração, limitando-se a informar somente que o jovem estava em paradeiro desconhecido.

Gráfico n.º 1
Emigração de Cotobade a Portugal e a Brasil por ano (1831-1960)



Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de recenseamento militar do concelho de Cotobade.

A emigração intrapeninsular às terras portuguesas se estendia a quase todas as paróquias, especialmente as do sul, como Tenorio, Augasantas e Valongo. As paróquias do Norte, como San Xurxo de Sacos, Santa María de Sacos e Viascón são as que menos “exportavam” canteiros para Portugal, segundo o que constatamos nas listas de prófugos. Os outros destinos estavam bastante divididos entre a província de Ourense, diversos municípios galegos das mais diferentes províncias e outras cidades espanholas como Sevilha, Madrid ou Ponferrada. Entretanto, se eliminarmos as localidades portuguesas das rotas dos vizinhos de Cotobade, os números são demasiados insignificantes, não chegando a alcançar o número de cinco emigrantes para cada município ou localidade.

¹⁰ AMC – Livro de Quintas de 1831, 535/1. O grifo é da autora.

Quadro n.º 1
Paróquias de Cotobade com emigração a Portugal no século XIX (1830-1900)

Paróquias	N.º de casos	(%)
Almofrei	26	8,7%
Augasantas	47	15,7%
Borela	29	9,7%
Carballedo	28	9,4%
Loureiro	45	15%
Rebordelo	18	6%
San Xurxo de Sacos	6	2%
Santa Maria de Sacos	2	0,7%
Tenório	50	16,7%
Valongo	35	11,7%
Viascón	13	4,3%
Total	299	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de recenseamento militar.

O comportamento migratório dos vizinhos das paróquias de Cotobade foi diferente de outros municípios galegos. Em Santa Comba, por exemplo, localizado na província de A Coruña, as cidades portuguesas que mais apareciam nos documentos eram Lisboa e Porto. Seguindo a linha de raciocínio dos historiadores da emigração intrapensinsular, já citados nos parágrafos anteriores, a mão-de-obra relacionada com a área da construção (canteiros, pedreiros, carpinteiros) emigrava para o interior do norte português e não para a capital ou para cidades como o Porto. Os livros de recenseamento militar de Cotobade nos oferecem o destino exato de mais de metade dos varões que resolveu ir para Portugal. Uma informação que não devemos desprezar, já que funciona como um fio condutor da posterior emigração a Rio de Janeiro.

Quadro n.º 2
Ausentes do concelho de Cotobade nas cidades portuguesas (1830-1900)¹¹

Cidades	N.º de casos	(%) sobre total de ausentes de Cotobade a Portugal
Amarante	7	2,3%
Barcelos	16	5,3%
Basto	14	4,7%

¹¹ A percentagem foi extraída do total de emigrantes a Portugal. As cidades que aparecem no quadro são aquelas que tinham emigração superior a 5. As outras localidades com menor índice de emigração foram: Alfundiga da Fé (1), Arcos (2), Boticas de Barroso (1), Camelados (1), Castinheiro (1), Guimaraes (1), Lindoro (1), Moncorvo (2), Penhão (1), Sanfins (1), Santiago da Cruz (1), Valença (1), Viana do Castelo (1), Vila de Conde (2), Vila de Ruivas (1), Vilapouca de Aguiar (3). Dos 299 vizinhos de Cotobade que emigraram para Portugal, não apareceram a cidade exata de 148 deles. Unicamente aparecia o país “Portugal”.

(Continuação do Quadro n.º 2)

Cidades	N.º de casos	(%) sobre total de ausentes de Cotobade a Portugal
Braga	34	11,7%
Chaves	15	5%
Lisboa	6	2%
Mirandela	5	1,7%
Porto	5	1,7%
Vila de Taboazas	5	1,7%
Vila Real	12	4%
Vilanova de Famalicão	11	3,7%
Total	300	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos Livros de Recenseamento militar

No início do século XIX, enquanto a emigração galega cruzava o norte de Portugal, os portugueses se deslocavam massivamente para o Rio de Janeiro:

“Dos entrados no porto do Rio de Janeiro e desembarcados na corte entres os anos de 1820 e 1834, a grande maioria era nascida no Norte de Portugal, nas regiões do Douro e do Minho. Provenientes de Trás os Montes, das Beiras, do Algarve e do Alentejo chegaram poucos imigrantes lusos. Também era dos portos do Norte portugueses de onde provinha a maioria dos que arribavam aqui até 1830. A maior parte embarcava na cidade do Porto”¹².

Os destinos se cruzaram décadas mais tarde, quando galegos e portugueses, uns recém chegados e outros já estabelecidos, se encontraram no Rio de Janeiro. Das cidades do norte de Portugal saiu uma boa parte do contingente emigratório luso para o Rio de Janeiro e, posteriormente, os galegos escolheriam os mesmos caminhos.

2. Os pioneiros e a ocupação profissional dos emigrantes de Cotobade

No ano de 1869, o emigrante Gregório Vidal matriculou-se no Hospital Espanhol. Ele era o sócio número 106 e o emigrante mais antigo proveniente do concelho de Cotobade. Aos seus 42 anos, idade que tinha no momento de decidir inscrever-se como sócio, Vidal trabalhava como canteiro, mantendo a tradição dos seus antepassados. Possivelmente, se utilizarmos as estatísticas da emigração masculina, formada majoritariamente por jovens varões entre 15 e 30 anos, concluiríamos que Gregório Vidal estava no Rio de Janeiro antes de 1869. A sua ficha de sócio não traz nenhuma

¹² RIBEIRO, 2002: 193

informação sobre a sua trajetória no Hospital Espanhol¹³, nem sequer algum dado que nos possibilite conhecer um pouco mais sobre a atividade sócio-profissional desse emigrante no Rio de Janeiro. O único que sabemos é que foi o vizinho mais antigo do concelho de Cotobade encontrado em todos os arquivos pesquisados no Rio de Janeiro¹⁴. Como ele, outros 40 patrícios do concelho de Cotobade também se inscreveram na Beneficência Espanhola entre 1870 e 1919. Teoricamente, não encontramos nenhum outro vizinho matriculado em datas anteriores, mas podemos observar que outros concelhos pontevedreses, como Pontecaldelas e Redondela, já tinham emigrantes desde 1859, principalmente Pontecaldelas, o município vizinho ao nosso objeto de estudo, que apresentava uma cota de sócios nada desprezível entre os anos de 1859 e 1919: 60 emigrantes. Receberiam influência os habitantes de Cotobade dos emigrantes de Pontecaldelas? A cadeia humana que se formou ao redor dos concelhos pontevedreses, com a chegada desde o século XIX de indivíduos procedentes dos municípios de Redondela, As Neves, O Covelo, entre outros, possibilitou o assentamento sócio-profissional dos patrícios que chegaram posteriormente. Não necessariamente tinham que ser da mesma localidade para receber a primeira assistência. A corrente estendia-se também aos portugueses, que mantinham negócios com galegos ou vice-versa.

Um exemplo bem ilustrativo é o de José Hermida Pazos, natural de Ponte Caldeas. No ano de 1862, aos 33 anos de idade, matriculou-se no Hospital Espanhol. Neste tempo, já era um reconhecido ótico, dono da mais prestigiosa fábrica de material ótico do Rio de Janeiro do século XIX. Desconhecemos a data exata em que chegou ao país, mas certamente foi antes de 1862, porque em sua trajetória profissional começou como aprendiz, subindo os escalões até chegar a ser dono da empresa. O seu sócio, primeiramente patrão e criador da empresa, foi o português José Maria dos Reis, assentado no Brasil desde inícios dos anos 20 do século XIX¹⁵. José Hermida Pazos indicou para sócios do Hospital Espanhol patrícios de todas as partes da Galiza, não só do seu concelho, mas também de outros municípios pontevedreses, inclusive de outras províncias, como A Coruña e Ourense. Emigrantes influentes de concelho próximos, que já na emigração massiva estavam bem-sucedidos no Rio de Janeiro, representavam a imagem ideal do estrangeiro que iniciou sua trajetória desde

¹³ Nas matrículas do Hospital Espanhol, além dos dados pessoais, há também informações sobre as ausências dos sócios a países estrangeiros, ao falecimento dos mesmos ou a sua trajetória como sócio (as distintas hierarquias da sociedade, que estava dividida em sócios distinguidos, beneméritos, gran beneméritos, etc.).

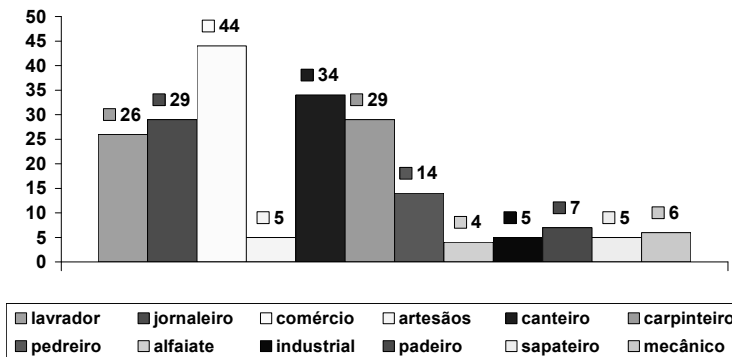
¹⁴ Nos recenseamentos militares do ano 1860 encontramos um emigrante no Rio de Janeiro, chamado Manuel Cabano Peleteiro, da paróquia de Tenorio (não consta a profissão, nem o ano de ausência). A partir de 1878, começam a aparecer alguns casos de emigração para o Rio.

¹⁵ FILHO, 1986: 75.

os mais baixos escalões, subindo toda a hierarquia profissional exigida pela mentalidade emigratória.

A emigração dos canteiros, que se iniciou no século XVIII, nas cidades do norte português, continuou para além do Oceano, onde as oportunidades socioeconômicas criaram novas expectativas de prosperidade e mudaram o destino dos habitantes de Cotobade e da Galiza. Nos livros de censo do concelho de Cotobade (anos de 1950-1965), dos ausentes no Rio de Janeiro, o setor da construção (canteiros, carpinteiros e mestres-de-obras/pedreiros) representa 45,5% da amostra recolhida para esse Estado brasileiro (total de 169 profissões), frente a 26% do setor do comércio. O que demonstra que uma percentagem importante da emigração desse concelho a Rio de Janeiro não se dedicou somente ao setor terciário e continuou mantendo ocupações exercidas desde à época das migrações intrapeninsulares.

Gráfico n.º 2
Profissão dos ausentes de Cotobade no Rio de Janeiro (1950-1965)



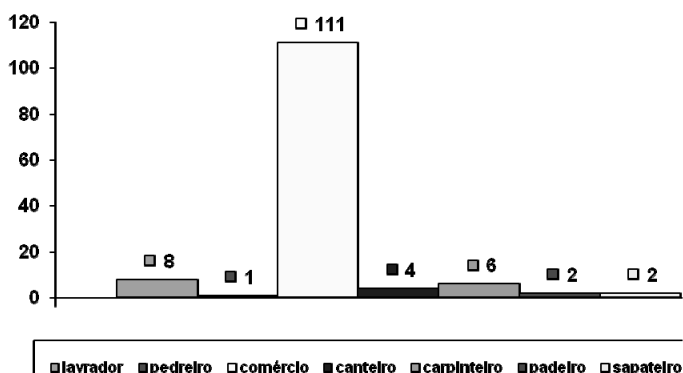
Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de recenseamento de Cotobade.

As especializações profissionais, o monopólio de determinados setores, não é privilégio das nacionalidades e atinge também âmbitos geográficos menores, como os municípios de um mesmo país ou região ou até mesmo paróquias/freguesias. No caso do município de Santa Comba (A Coruña), houve um predomínio do setor da hotelaria, com a conhecida história do galego que inicia a sua trajetória como lavador de pratos, e posteriormente, passa a exercer a função de camareiro. O seguinte passo era comprar um pequeno hotel ou restaurante, em sociedade com muitos patrícios, até conseguir se estabelecer com seu próprio negócio. Essa trajetória profissional tão conhecida entre os emigrantes galegos, não necessariamente é a única, ainda que seja a mais comum. Cada história admite sua particularidade e pode haver mudanças na vida profissional dos emigrantes, até conseguirem atingir, ou não, a estabilidade econômica.

Dentro do mesmo município, as ocupações profissionais podem variar também segundo o destino. Se no Rio de Janeiro, encontramos uma maior porcentagem de imigrantes vinculados ao setor da construção, no Estado da Bahia a maioria se dedicou ao setor terciário. De um total de 147 profissões recolhidas dos ausentes na Bahia, entre os anos de 1950 e 1965, encontramos 111 imigrantes que trabalharam no comércio, ou seja, 75%, quase a totalidade da amostra. Um resultado que coincide com os estudos de Jefferson Bacelar sobre a imigração galega na Bahia, onde o autor afirma, segundo dados recolhidos no Consulado Espanhol da Bahia no período de 1919-1936, que 42% dos galegos trabalhava como comerciários e 31% era comerciante¹⁶.

Na segunda emigração massiva, período das fontes censais do concelho de Cotobade, os galegos na Bahia (majoritariamente originários dos concelhos pontevedreses de Pontecaldelas, Fornelos de Montes e A Lama) já se haviam constituído num grupo sólido dentro do ramo dos armazéns de secos e molhados, dos gêneros alimentícios em geral, padarias e tabernas. Substituem completamente a posição que os portugueses mantiveram no século XIX, tornando-se os principais comerciantes retalhistas estrangeiros de gêneros alimentícios em armazéns, vendas e padarias. Bacelar explica que um dos mecanismos mobilizados pelos galegos para atingir o poder econômico e conseguir uma grande expressão no comércio de Salvador da Bahia foi através da associação de galegos, da união entre capital e trabalho. As firmas galegas eram, em sua maioria, de composição societária, associações entre patrícios e familiares, numa correlação entre capital e laços de parentesco¹⁷.

Gráfico n.º 3
Principais profissões dos ausentes de Cotobade na Bahia (1950-1965)



Fonte: Elaboração própria a partir dos livros de recenseamento de Cotobade.

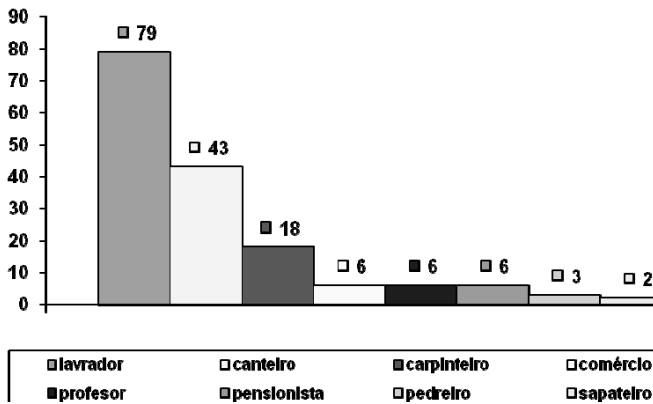
¹⁶ BACELAR, 1994: 49.

¹⁷ BACELAR, 1994:55

No caso dos imigrantes de Cotobade no Rio de Janeiro, os artesãos e operários qualificados transpassaram fronteiras, levando o ofício de canteiro para o Brasil. Mas o fato de encontrarmos uma percentagem elevada de mão-de-obra do setor da construção, não significa que todos os emigrantes que a exerciam, continuariam trabalhando de pedreiro, canteiro ou carpinteiro no Brasil. Segundo as oportunidades do mercado de trabalho ou das redes de solidariedade podiam mudar de profissão. O setor do comércio e da hotelaria sempre oferecia a possibilidade de abrir o próprio negócio e adquirir meios econômicos para um possível retorno à Galiza ou uma melhora no nível de vida no país emigrado. Os emigrantes podiam começar trabalhando como canteiros, mas com o tempo, devido às duras condições da profissão e do mercado, buscavam outros ofícios. Os laços de solidariedade e auxílio entre os patrícios podiam estar mais sólidos no setor comercial ou hoteleiro, onde já havia tradição, conhecimentos do mercado e redes de parentesco sólidas.

A tradição do ofício de canteiro, além dos depoimentos recolhidos através da história oral, pode ser facilmente constatada nos livros de censo, quando se analisa a profissão dos chefes de família¹⁸. As profissões com mais representatividade foram as seguintes:

Gráfico n.º 4
Profissão dos chefes de família dos ausentes no Rio de Janeiro (1950-1965)



Fonte: Elaboração própria através dos livros de recenseamento de Cotobade.

¹⁸ Aqui nos referimos aos pais dos emigrantes. Em pouquíssimos casos aparece um cunhado ou um irmão como chefe de família, no caso do pai estar ausente ou falecido. As cabeças de famílias mulheres não foram contabilizadas porque eram todas lavradoras ou donas-de-casa. Os emigrantes chefes de família tampouco entram no cálculo porque estão contabilizados nas profissões dos ausentes.

Os irmãos Antonio e Adolfo Gómez Romar, da paróquia de San Xurxo de Sacos, mudaram de ofício ao longo da sua trajetória como emigrantes. Em Cotobade, trabalhavam na canteria, seguindo os passos do pai, que lhes ensinou a profissão. Foram para o Rio de Janeiro em 1954 e 1957, respectivamente, e estiveram algum tempo ganhando a vida construindo edifícios. Depois seguiram caminhos diferentes, mas com o mesmo objetivo: romper o vínculo patrão-empregado e adquirirem seu próprio negócio. Antonio comprou dois caminhões e trabalhava com mudanças; Adolfo montou um restaurante em um município do Estado do Rio de Janeiro junto com o outro irmão Jesús. Como quase todos os emigrantes, passaram dificuldades nos primeiros trabalhos e buscaram apoio em patrícios já estabelecidos ali. É dessa maneira que Antonio conta a sua particular história de emigração:

“Quando cheguei ao Rio de Janeiro eu ganhava 13 cruzeiros por hora. Não dava para nada. Depois eu encontrei um espanhol de Pontearas que já levava 13 anos ali e que estava bem de vida e me buscou um trabalho, para fazer um chalé em Petrópolis. No começo, eu trabalhava na construção, mas depois juntei um dinheirinho e comprei um caminhão. Trabalhava como autônomo para várias firmas brasileiras. Eu me dava bem nesse negócio”¹⁹.

A corrente familiar dos Gómez Romar ganhou muita força ao longo de todo século XX. Nessa família, primeiro emigrou o pai, Adolfo Gómez Rodríguez, que esteve na Argentina, no Uruguai e por último no Rio de Janeiro. Depois de passar por todos esses países, retornou e disse para um dos filhos “*Tu vais para o Brasil e vais te dar muito bem, aquilo é uma maravilha*”. E Adolfo seguiu o conselho do pai e escolheu o Brasil como destino.

Em Cotobade se ganhava pouco, a vida era difícil. As mulheres trabalhavam no campo e os homens como canteiros: “a situação da família era regular, porque havia que trabalhar muito no campo e depois nas obras. Os salários eram muito pequenos. Eu, por exemplo, ganhava 12 pesetas mais ou menos no ano de 1948/49. Não dava para nada²⁰”. Curiosamente, San Xurxo de Sacos foi uma paróquia com mais tradição migratória para a Argentina do que para o Rio de Janeiro, mas mesmo assim a família resolveu seguir o conselho paterno e emigraram cinco irmãos. As diferenças de salário entre o Brasil e a Galiza, o retorno do pai com as suas histórias e experiências de vida e a anterior emigração de vários vizinhos, entre eles, um cunhado, influenciou a partida de cinco dos nove irmãos dessa família.

¹⁹ Entrevista a Adolfo e Antonio Gómez Romar, no dia 14 de Novembro de 2004, em Cotobade.

²⁰ Entrevista a Antonio Gómez Romar, no dia 14 de Novembro de 2004, em Cotobade.

Abreviaturas

AMC – Arquivo Municipal de Cotobade.

Fontes e Bibliografía

Bibliografía

- ALVES, Jorge Fernandes, 1994 – *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Ed. do autor.
- ALVES, Jorge Fernandes (coord.), 1998 – *Os “brasileiros” da emigração*. Vila Nova de Famalicão: Câmara de Vila Nova de Famalicão.
- CORTIZO, Camilo Fernández, 1994 – “Ganando la vida con el oficio de cantero: explotación campesina y emigración estacional en la Galicia occidental del siglo XVIII”, in ROEL, A. Eiras; CASTELAO, Ofelia Rey (eds.) – *Migraciones internas y medium-distance en la Península Ibérica, 1500-1900*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- ROEL, A. Eiras, 1992 – “Para unha comarcalización del estudio de la emigración gallega. La diversificación intrarregional a través de los censos de población (1877-1920)”, in ROEL, A. Eiras (ed.) – *Aportaciones al estudio de la emigración gallega. Un enfoque comarcal*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- FILHO, Almir Pita Freitas, 1986 – “As oficinas e armazém d’optica e instrumentos científicos de José Maria dos reis e José Hermida Pazos (negociantes, ilustrados e utilitários em prol do desenvolvimento da ciência no Brasil)”, in *Relatório final de pesquisa*. Rio de Janeiro: Museu do Observatório Nacional/CNPq.
- LOPO, Domingo González, 1990 – “Una aproximación a la emigración de la Galicia Occidental entre mediados del siglo XVII y el primer tercio del XX, a través de las fuentes protocolares y archivos parroquiales”. *Revista da comisión galega do quinto centenario*, n.º 6.
- RIBEIRO, Gladis Sabina, 2002 – *A liberdade em construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- SILVA, Érica Sarmiento da, 2006 – *O outro río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. Santa Comba (A Coruña): 3C3 editores.
- VÁZQUEZ, Alejandro González, 1999 – *La emigración gallega a América, 1830-1930* (Tese de doutoramento apresentada na Facultade de Economía da Universidade de Santiago de Compostela, 2 volumes).

